

SINOPSE DA ODISSEIA

Livros 1-4: *Telemaquia*

Livro 1 (α: “Concílio dos deuses; aconselhamento de Atena a Telêmaco”): Invocação à Musa (1-10). Calipso retém Odisseu em sua ilha, e todos os deuses menos Posídon se apiedam do herói (11-20). Assembleia dos deuses, que decidem que Odisseu deve finalmente regressar à sua família; Atena propõe que Hermes vá levar a Calipso os ordens dos deuses, enquanto ela mesma irá a Ítaca e enviará Telêmaco à procura de seu pai (21-95). Atena visita Telêmaco disfarçada do hóspede de seu pai, Mentos, enquanto os pretendentes se divertem; Telêmaco recebe a deusa (96-143). Os pretendentes banqueteiam, e Telêmaco reclama da infelicidade e do desaparecimento do pai (144-177). Atena garante que Odisseu ainda vive e que logo retornará, e Telêmaco deseja que ele castigue os pretendentes (178-251). Atena o aconselha a convocar uma assembleia no dia seguinte, expulsar os pretendentes e partir a Pilos e a Esparta em busca de notícias de Odisseu, aconselhando-o (252-305). Telêmaco agradece a Mentos, e a deusa retorna ao céu (306-324). Fêmio canta aos pretendentes as infelicidades do retorno dos gregos, e Penélope vem lhe pedir que pare um canto que aumenta sua dor, mandando então Telêmaco que retirem sua mãe (325-367). Anuncia aos pretendentes a assembleia do dia seguinte e que devem partir, ironias de Antino e resposta de Telêmaco (368-398). Eurímaco o interroga sobre o hóspede que recebeu; Telêmaco dissimula e diz que não espera mais ver seu pai (399-420). Os cantos e danças se prolongam até a noite: os pretendentes e Telêmaco se retiram (421-444).

Livro 2 (β: “Assembleia em Ítaca; partida de Telêmaco”): Telêmaco convoca uma reunião em Ítaca de acordo com as instruções de Atena (1-14) e requer, em vão, que os pretendentes de sua mãe deixem o palácio, pois praticam excessos, mas Antínoo reclama da perfídia de Penélope e declara que os pretendentes não partirão antes que Telêmaco a mande a seu pai e escolha um esposo (80-128). Telêmaco recusa e ordena aos pretendentes que deixem o palácio, invocando a vingança divina (129-146). Presságio favorável a Telêmaco: o vidente Haliterses prevê o retorno iminente de Odisseu e a morte dos pretendentes (146-176). Eurímaco ameaça Haliterses (177-207). Telêmaco pede um barco para ir a Esparta e Pilos buscar notícias de seu pai (208-223). Repreensão de Mentor contra os habitantes de Ítaca, a quem Liócrito responde que os pretendentes nada temem, e negam o pedido de Telêmaco, pondo fim à assembleia (224-259). Com o apoio de Atena, que ora assume a semelhança de Mentor, amigo de Odisseu, ora a do próprio Telêmaco, aprestam-se um navio e uma tripulação (260-295). Telêmaco volta ao palácio e se recusa a tomar parte no banquete (296-336). Telêmaco diz à ama Euricleia, que o ajuda com os preparativos e tenta dissuadi-lo, que por ora nada conte de sua partida à mãe (336-381). Atena, assumindo os traços de Telêmaco, prepara o navio e os remadores e os põe a dormir, assumindo depois as feições de Mentor para buscar Telêmaco (382-404). Partem à noite (405-434).

Livro 3 (γ: “Em Pilos”): Telêmaco e Atena chegam a Pilos, quando Nestor está oferecendo um sacrifício a Posídon; são convidados ao banquete (1-66). Depois da refeição, Nestor interroga seus hóspedes; Telêmaco responde e se informa do destino do pai (67-101). Nestor conta a Telêmaco o retorno dos gregos, a divisão funesta dos dois Atridas, mas não tem notícias de Odisseu (101-200). Telêmaco lamenta seu destino, Nestor o consola, e Atena repreende sua pouca confiança nos deuses (200-238). Telêmaco pede a Nestor detalhes sobre a morte de Agamêmnon. Narração de Nestor. A ausência de Menelau, que errou durante sete anos, tomou Egisto valente; Nestor aconselha Telêmaco a não se demorar muito longe da pátria, se não quer que os pretendentes devorem sua herança, mas convida-o a se informar junto a Menelau, que acaba de chegar na Grécia (239-328). Chega a noite; Atena faz Nestor terminar as cerimônias e o banquete (329-341). Nestor quer manter Atena e Telêmaco, que retornam ao navio, e Atena desaparece no ar; Nestor felicita o jovem herói por sua proteção divina e promete sacrificar à deusa (342-384). De volta ao palácio, oferece libações a Atena; cada um se retira a seu quarto (385-403). Com o raiar do dia, Nestor reúne seus filhos e Telêmaco para sacrificar a Atena. Descrição do sacrifício e banquete (404-472). Nestor faz preparar um carro e oferece seu filho Pisístrato como guia a Telêmaco. Os dois deixam Pilos e chegam a Esparta no dia seguinte, ao cair da noite (473-497).

Livro 4 (δ: “Em Esparta”): Telêmaco e Pisístrato chegam a Esparta quando Menelau celebra o duplo casamento de seu filho e de sua filha; acolhida hospitaleira (1-67). Telêmaco admira as riquezas no palácio, e Menelau vem lhe falar de Odisseu, não podendo Telêmaco reter as lágrimas (68-119). Helena entra e acredita reconhecer Telêmaco; Pisístrato confirma; alegria de Menelau; Menelau conta dos projetos que tinha pensado com Odisseu e chora com todos os que o rodeiam (120-188). Pisístrato quer deixar essa conversa para o dia seguinte; Helena mistura ao vinho uma bebida que dá alegria, e ela e Menelau contam feitos de bravura e de prudência de Odisseu (189-289). Retiram-se. No dia seguinte, Menelau pergunta o que traz Telêmaco a Esparta, que responde enquanto Menelau lamenta a sorte de Odisseu (290-350). Conta como foi salvo pela filha de Proteu, que lhe deu os meios para interrogar seu pai (351-461). Instruções de Proteu a Menelau para garantir seu retorno (462-484). Proteu conta a Menelau a morte de Ajáx bem como a de Agamêmnon (485-547). Conta também que Odisseu não está morto, mas está retido por Calipso; conta rapidamente o fim de sua viagem (593-623). No entretanto, os pretendentes, descobrindo a partida de Telêmaco, decidem preparar uma armadilha para seu retorno (624-674). O arauto Mêdon anuncia a Penélope o perigo que impende sobre seu filho. Desespero de Penélope; conselhos de Euricleia, prece de Penélope a Atena (675-767). Antino embarca com vinte homens para esperar Telêmaco (768-786). Atena envia a Penélope um fantasma em seu sonho, sob as feições da irmã, acalmado Penélope quanto ao destino de Telêmaco (787-841). Os pretendentes armam emboscada na ilha de Astéride (842-847).

Livro 5: *Viagem de Odisseu de Calipso até os feácios*

Livro 5 (ε: “O antro de Calipso; a jangada de Odisseu”): Na assembleia dos deuses, Atena se esforça para comover os deuses com as desventuras de Odisseu e Telêmaco (1-20). Zeus envia Hermes, o mensageiro dos deuses, a Calipso, com a instrução de que a ninfa permita que Odisseu volte para casa (21-42). Hermes chega à ilha, que é descrita (43-74), e, após uma refeição, transmite a mensagem a Calipso, que se lamenta (75-147). Ela vai ter com Odisseu, a quem avisa que ele está livre para partir e lhe presta um juramento (148-191), tentando em vão mantê-lo com a notícia dos perigos que correrá e com a promessa de torná-lo imortal (192-227). Ele deixa a ilha de Ogígia em uma jangada feita em quatro dias (228-261). Após dezoito dias, chega perto da terra dos feácios (262-281). Posídon o vê e produz uma tempestade marítima terrível (282-332); a deusa Leucoteia se apieda de Odisseu e manda que se salve a nado, enquanto uma onda terrível quebra a jangada (333-381). Atena acalma a tempestade; depois de nadar por dois dias, Odisseu tenta em vão chegar à ilha dos feácios (382-444). Ele implora pelo auxílio do deus de um rio, cujo nome desconhece, o qual permite enfim que Odisseu penetre por ele (445-464). Chega em terra firme, mas está muito inquieto e, cansado, acaba por se deitar em um leito de folhas (465-493).

Livros 6-8(-12): *Feácia – Recepção de Odisseu entre os feácios*

Livro 6 (ζ: “A chegada de Odisseu na Feácia”): Atena aparece em sonho a Nausica, filha do rei dos feácios, e a conduz a ir lavar suas vestes no rio (1-47). Nausica pede autorização ao pai, que anui (48-70). Ela parte com suas aias e, após ter lavado os tecidos, brinca com uma bola às margens do rio (71-109). Os gritos das jovens acordam Odisseu; suas incertezas; ele decide se mostrar (110-136). As aias fogem ao vê-lo; Nausica permanece sozinha e escuta suas súplicas (137-185). Ela lhe responde afavelmente, faz com que ele se banhe no rio e lhe dá vestes e comida (186-250). Nausica convida Odisseu a seguir sua carruagem até a cidade, mas a parar a alguma distância das muralhas, para não dar margem a especulações; que ele então descubra onde mora Alcino e que tente despertar a piedade da rainha (251-315). Odisseu pára perto da cidade, em um bosque consagrado a Atena, e implora a proteção da deusa (316-331).

Livro 7 (η: “A entrada de Odisseu no palácio de Alcino”): Atena se apresenta a Odisseu sob as feições de uma jovem, o conduz à morada de Alcino e lhe relata quais hóspedes encontrará no palácio (1-77). Odisseu pára por um tempo para admirar a magnificência do palácio e dos jardins (78-132). Ele entra e se atira aos pés da rainha Arete (133-152). Instigado pelo velho Equeneu, o rei Alcino oferece a Odisseu a refeição da hospitalidade (153-185). Alcino promete a Odisseu que fará com que o levem de volta à sua pátria; orações e agradecimentos de Odisseu (186-225). Arete pergunta a Odisseu quem lhe deu as vestes que tem no corpo, e ele conta em poucas palavras seu naufrágio e seu encontro com Nausica (226-297). Depois de repreender sua filha por não ter ela mesma conduzido o estrangeiro ao palácio, Alcino propõe a Odisseu que ele se tome seu genro e lhe promete novamente levá-lo a sua pátria no dia seguinte (298-333). Um leito é preparado para Odisseu; Alcino e Arete vão descansar em seu quarto (334-347).

Livro 8 (θ: “Apresentação de Odisseu aos feácios”): Alcino se aconselha com os mais importantes feácios e toma a decisão de reconduzir Odisseu a sua pátria (1-45). Os feácios se reúnem para um banquete no palácio de Alcino; Demódoco canta a querela de Odisseu e de Aquiles (46-96). Depois da refeição, vão à praça pública, onde os jovens realizam jogos variados (97-130). Euríalo convida Odisseu a participar dos jogos e, quando ele recusa, dirige-lhe palavras ofensivas (131-164). Odisseu responde com cólera, lança um disco muito mais longe que os outros feácios e provoca aqueles que queiram se medir com ele (165-233). Alcino intervém e, a seu convite, jovens rapazes realizam danças (234-265). Demódoco canta os amores de Ares e Afrodite e a vingança de Hefesto (266-369). Dois jovens feácios se exercitam, e Odisseu admira sua habilidade (370-384). Odisseu recebe presentes dos principais feácios; Euríalo o acalma oferecendo-lhe uma magnífica espada (385-422). Alcino faz preparar um banho para Odisseu antes da refeição noturna; a rainha reúne todos os presentes oferecidos ao estrangeiro (423-468). Odisseu presta homenagem ao cantor Demódoco e lhe pede para narrar a história do cavalo de madeira (469-498). Enquanto Demódoco canta, Odisseu não pode conter sua emoção (499-531). Alcino o ouve soluçar e lhe pede que conte suas aventuras (532-586).

Livros 9-12: *Narrativa em primeira pessoa de Odisseu diante de Alcino*

Livro 9 (ι: “Ciclopeia”): Odisseu começa o relato de suas desventuras e revela sua identidade (1-38). Voltando de Troia com uma frota de doze navios, ele saqueia a cidade dos cíclopes, que se vingam massacrando setenta e dois de seus companheiros (39-61). Ao circum-navegar o Cabo Maleia, seus navios são jogados para fora do rumo de Ítaca por ventos adversos (62-81). Na terra dos lotófagos, três de seus companheiros comem o fruto do lótus, que traz o esquecimento, e precisam ser levados à força para os navios (82-104). Na sequência, chegam a uma pequena ilha deserta, vizinha à terra dos ciclopes; descrição da ilha, caça abundante (105-169). Odisseu parte com um só barco para reconhecer a terra dos ciclopes (170-192). Escolhe doze companheiros e vai com eles para a caverna de Polifemo; descrição da caverna; Odisseu, a despeito das súplicas dos companheiros, quer esperar o retorno do ciclope (193-230). Polifemo traz de volta seu rebanho, arrasta suas cabras e interroga Odisseu, que lhe responde educadamente (231-286). Polifemo devora dois companheiros de Odisseu à noite e dois outros no dia seguinte pela manhã (287-311). Enquanto Polifemo pastoreia, Odisseu afia uma estaca para lhe furar o olho (312-335). Polifemo retorna e devora mais dois gregos; Odisseu o embriaga e, durante o sono, fura-lhe o olho com a estaca (336-394). Os ciclopes acorrem com os gritos de Polifemo e se distanciam logo depois (395-412). Quando amanhece, Polifemo se põe sentado na entrada da caverna para pegar os gregos quando passassem; esperteza de Odisseu, que foge com seus companheiros e leva para seu barco os rebanhos do ciclope (413-472). Chegado ao mar, Odisseu ofende Polifemo, que lança uma rocha enorme contra o barco (473-490). Novos ultrajes de Odisseu; resposta de Polifemo; suas imprecações, sua oração a seu pai Posídon (491-542). Odisseu retorna à esquadra e oferece um sacrifício a Zeus; no dia seguinte, zarpa (543-566).

Livro 10 (κ: “Junto a Éolo, aos Lestrigões e a Circe”): Odisseu chega até a morada de Éolo, que lhe dá um saco onde estão encerrados todos os ventos, deixando em liberdade apenas aquele de que o herói precisa para chegar até Ítaca (1-27). Os companheiros de Odisseu abrem o saco durante seu sono; uma terrível tempestade os leva de volta até Éolo, que os expulsa do palácio (28-79). Odisseu chega aos lestrigões, que massacram seus companheiros e quebram suas embarcações; ele escapa com um único navio (80-132). Odisseu aporta na ilha de Eeia, observa a região, mata um cervo enorme e, no terceiro dia, propõe a seus companheiros, explorar a terra (133-202). Euríloco é escolhido; ele se dirige com a metade dos homens para o palácio de Circe; a deusa transforma todos em porcos (203-243). Euríloco, que havia permanecido um pouco atrás, vem anunciar a perda de seus companheiros; ele se esforça em vão por reter Odisseu, que vai até a morada de Circe (244-273). Hermes se apresenta a Odisseu, ensina-lhe os truques e sortilégios de Circe e lhe dá uma planta como antídoto contra os feitiços da maga (274-306). Odisseu vence os encantamentos e partilha o leito da deusa (307-347). Ele consegue com que Circe devolva a forma humana a seus companheiros (348-399). A convite de Circe, Odisseu vai buscar os restantes companheiros e os traz ao palácio, a despeito da oposição de Euríloco (400-448). Ao fim de um ano, os gregos querem ir embora, e Odisseu pede a Circe que os deixe partir (449-486). Circe consente, mas avisa a Odisseu que, antes, ele deverá ir ao Hades para consultar a alma do adivinho Tirésias (487-540). Odisseu acorda seus companheiros e apressa a partida: morte de Elpenor, que cai do alto do teto (541-561). Circe, à frente de Odisseu sem ser vista, amarra a seu barco as vítimas que ele deve imolar aos manes (562-574).

Livro 11 (λ: “Consulta aos Mortos”): Odisseu parte da ilha de Eeia e chega aos cimérios, no lugar designado por Circe; ele realiza os sacrifícios prescritos pela deusa (1-50). A sombra de seu companheiro Elpenor vem por primeiro falar com ele; Odisseu avista sua mãe, Anticleia (51-83). Tirésias lhe anuncia seu retorno a Ítaca e lhe fala de uma viagem que ele deverá realizar depois (84-137). Graças às indicações de Tirésias, Odisseu pode falar com sua mãe (138-224). As almas das filhas e das esposas dos heróis avançam em sua direção; ele as interroga sucessivamente (225-332). Alcino e os outros feácios pedem a Odisseu que continue sua narração, que ele quer interromper para dormir; o herói consente (333-376). Agamêmnon aparece, conta-lhe de sua morte e lhe dá diversos conselhos (377-466). Conversa de Odisseu e Aquiles (467-540). Ajáx,

SINOPSE DA ODISSEIA

interpelado por Odisseu, não se digna a responder (541-567). Odisseu vê Minos, Órion, Tântalo, Sísifo (568-600). Hércules conversa com ele (601-624). As sombras se aproximam em multidão; o herói foge amedrontado para seu navio e zarpa (625-640).

Livro 12 (μ: “Sereias, Cila, Caríbdis, bois do Sol”): Odisseu aporta novamente na ilha de Eeia e sepulta Elpenor (1-15). Circe traz provisões ao navio e instrui Odisseu a respeito dos incidentes que devem marcar sua viagem (16-153). Odisseu repete a seus companheiros os conselhos da deusa; graças à sua prudência, amarrado a um mastro, ele escapa das seduções das sereias (154-200). Ele passa por entre Caríbdis e Cila e perde seis de seus companheiros (201-259). Os gregos chegam à ilha de Trinácia e lá aportam a despeito dos conselhos de Odisseu; porém, eles juram não tocar nos rebanhos do Sol (260-324). Retidos na ilha durante um mês inteiro por ventos adversos, eles abatem as mais belas novilhas na ausência de Odisseu (325-373). O Sol, irritado, pede vingança a Zeus (374-396). O navio é destruído em uma tempestade; apenas Odisseu se salva entre os destroços (397-425). Ele passa novamente diante de Caríbdis e, depois de errar por nove dias, chega à ilha de Ogígia (426-453).

Livros 13-19: Retorno de Odisseu para Ítaca

Livro 13 (ν: “Partida de Odisseu dos feácios e chegada a Ítaca”): Alcino faz com que Odisseu receba novos presentes dos líderes feácios (1-24). Após um sacrifício e um banquete, Odisseu se despede de seus anfitriões (25-69). Enquanto dorme, os marinheiros feácios o tiram do navio e o põem, com seus tesouros, nas margens de Ítaca (70-125). Posídon, irritado com o retorno de Odisseu, reclama a Zeus, que lhe permite castigar os feácios (125-158). Posídon transforma em uma rocha o navio que acaba de transportar Odisseu; Alcino oferece um sacrifício ao deus para aplacá-lo (159-187). Odisseu acorda e, não reconhecendo Ítaca, queixa-se da perfídia dos feácios (187-216). Atena se apresenta a ele sob as feições de um jovem pastor e lhe comunica que ele está na ilha de Ítaca; Odisseu busca enganá-la por uma história que inventa (217-286). A deusa retoma sua forma divina e faz com que o herói reconheça sua pátria (287-360). Assistido por Atena, Odisseu esconde seus tesouros na gruta das ninfas (361-371). Eles deliberam sobre como punir os pretendentes (372-428). Atena dá a Odisseu, para que possa melhor enganar seus inimigos, a aparência de um velho mendigo; a deusa vai então para Esparta para trazer Telêmaco de volta (429-440).

Livro 14 (ξ: “Conversa de Odisseu com Eumeu”): Odisseu na residência do pastor Eumeu (1-28). Eumeu o protege de seus cães e lhe oferece hospitalidade; agradecimentos de Odisseu (29-71). Durante a refeição, o pastor reclama da insolência dos pretendentes e lamenta a desfortuna de seu senhor (72-147). Odisseu afirma, sob juramento, que o senhor retornará; mas Eumeu, já tantas vezes enganado por estrangeiros, não acredita mais em ninguém; ele comunica a seu hóspede sua inquietude a respeito da sorte de Telêmaco (148-190). Interrogado por Eumeu sobre suas aventuras, Odisseu lhe conta uma longa história inventada e a termina afirmando que teve notícias do rei de Ítaca, cujo retorno não demorará (191-359). Incredulidade de Eumeu; Odisseu esforça-se em vão por persuadi-lo (360-408). Os pastores retornam com seus rebanhos; realiza-se em comum a refeição noturna (409-456). A noite está fria; Odisseu conta uma história engenhosa para inspirar em seus anfitriões a ideia de lhe emprestar um manto (457-506). Eumeu dá um manto a Odisseu e, deixando os outros pastores dormirem na casa, sai para guardar os estábulos (507-533).

Livro 15 (ο: “Chegada de Telêmaco à casa de Eumeu”): (Continuidade da ação do livro 4) Atena vai a Esparta e convence Telêmaco a apressar seu retorno (1-42). Chegado o dia, ele se despede de Menelau, que lhe oferece ricos presentes; Helena acrescenta um magnífico véu (43-142). Quando Telêmaco e Pisístrato saem do palácio, Zeus envia um presságio explicado por Helena (143-181). Telêmaco deixa Pisístrato em Pilos, perto da margem, e apressa seus companheiros (182-219). Enquanto sacrifica a Atena, um fugitivo, o adivinho Teoclímene, vem lhe suplicar para aceitá-lo em seu barco; Telêmaco consente e chega a Ítaca (220-300). No entretempo, Odisseu anuncia a Eumeu sua intenção de ir à cidade; o pastor o desaconselha e pede para que espere até a volta de Telêmaco (301-339). Odisseu interroga Eumeu sobre Laertes, depois pergunta sobre as aventuras do pastor; Eumeu satisfaz sua curiosidade (340-492). Telêmaco desembarca, ordena a seus companheiros que conduzam o navio à cidade e envia Teoclímene a Eurímaco (493-524). O adivinho interpreta um novo presságio oferecido pelos deuses (525-538). Os marujos chegam à cidade; Telêmaco vai à casa de Eumeu (539-557).

Livro 16 (π: “Reconhecimento de Odisseu por Telêmaco”): Telêmaco chega à casa de Eumeu, que o acolhe com alegria (1-45). Depois da refeição em comum, Telêmaco se ocupa do hóspede acolhido por Eumeu e promete prover às suas necessidades, mas não ousa levá-lo a seu palácio (46-89). Odisseu se surpreende de que Telêmaco ainda não tenha punido os pretendentes; resposta do jovem herói (90-128). Enquanto Eumeu vai avisar Penélope do retorno de Telêmaco, Atena devolve sua forma a Odisseu (129-180). Ele se faz reconhecer pelo filho, e os dois derramam lágrimas de alegria (181-221). Depois de ter contado a Telêmaco de sua chegada a Ítaca e de ter se informado do número de pretendentes, Odisseu o convence a retornar ao palácio e lhe dá instruções para o momento da vingança (222-320). Os marujos anunciam a Penélope o retorno de Telêmaco (321-341). Os pretendentes deliberam se devem matar o filho de Odisseu; reprimendas de Penélope; Eurímaco a conforta com um discurso enganador (342-451). Eumeu retorna e encontra Telêmaco e Odisseu, novamente transformado em velho mendigo (452-481).

Livro 17 (ρ: “O retorno de Telêmaco a Ítaca”): Telêmaco parte para a cidade e manda Eumeu conduzir o mendigo ao palácio (1-30). Alegria de Penélope e das mulheres com o retorno de Telêmaco (31-60). Ele vai até a assembleia para buscar seu hóspede Teoclímene, que leva consigo (61-84). Durante a refeição, Telêmaco conta em poucas palavras sua viagem à mãe (85-149). Teoclímene renova suas garantias a respeito do retorno próximo de Odisseu; os pretendentes se divertem com jogos esperando pelo jantar (150-182). Odisseu e Eumeu chegam junto à fonte das ninfas; o pastor Melântio os insulta e maltrata Odisseu (182-260). Logo eles estão às portas do palácio; o velho cão Argo reconhece seu mestre e morre (260-327). Eles entram no salão em que os pretendentes estão comendo; Telêmaco dá pão e carnes ao mendigo (328-358). Odisseu suplica pela piedade dos pretendentes; briga de Eumeu e de Antínoo (359-404). Odisseu conta seus infortúnios para conquistar a simpatia de Antínoo, que lhe arremessa um banquinho nas costas. Imprecações de Odisseu; indignação dos pretendentes contra Antínoo (405-491). Penélope deseja falar com o mendigo e manda Eumeu chamá-lo; porém, Odisseu, com medo da cólera dos pretendentes, adia a conversa para a noite (492-588). Eumeu retorna a seus rebanhos (589-606).

Livro 18 (ς: “A luta de Odisseu e de Iro”): O mendigo Iro quer forçar Odisseu a deixar o palácio; os pretendentes os preparam para lutar um contra o outro (1-65). Preparativos para o combate; medo de Iro; os pretendentes os forçam a lutar (66-87). Odisseu vencedor expulsa Iro do palácio (88-116). Anfinomo se mostra simpático com Odisseu, que lhe aconselha retirar-se antes do retorno do rei de Ítaca (117-157). Penélope quer se mostrar aos pretendentes, mas recusa-se a se deixar arrumar; Atena a adormece e, durante o sono, realça sua beleza (158-197). Penélope desce até o salão e culpa Telêmaco por deixar que maltratem seu hóspede; Telêmaco se desculpa e amaldiçoa os pretendentes (198-242). Conversa de Eurímaco e Penélope; todos os pretendentes oferecem presentes à rainha (243-303). Chegada a noite, Odisseu manda as escravas para junto de sua senhora; insolência de Melântia; as ameaças de Odisseu enchem todas as mulheres de medo (304-345). Eurímaco escamece de Odisseu; resposta corajosa do herói; Telêmaco intervém; fazem-se libações, e eles são separados (346-428).

Livro 19 (τ: “Conversa de Odisseu e Penélope; a lavagem”): Depois da partida dos pretendentes, Telêmaco, por ordem de seu pai, esconde as armas que se encontram no palácio; a própria Atena o precede com uma tocha (1-46). Telêmaco vai dormir, e Penélope chega para conversar com o mendigo; ela repreende a escrava Melântia por sua insolência para com o estrangeiro (47-102). Odisseu se recusa em princípio a revelar sua pátria; Penélope insiste, após ter ela mesma lamentado seus infortúnios (103-163). Narração de Odisseu; Penélope põe sua sinceridade à prova (164-248). Odisseu busca acalmar a tristeza da rainha, despertada por essa conversa, e lhe anuncia o próximo retorno de seu esposo (249-307). Penélope exige que o estrangeiro seja tratado com respeito por todas as escravas; ela convida Euricleia a lavar os pés do velho (308-385). Euricleia reconhece Ulisses por uma cicatriz que ele tem na perna, infligida outrora por um javali (386-475). Odisseu a foça a se calar (476-507). Penélope conta a Odisseu um sonho que parece anunciar o retorno de seu esposo; mas ela não ousa crer nele e pretende dar sua mão, no dia seguinte, àquele dos pretendentes que puder melhor manejar o arco de Odisseu. O herói a encoraja a executar esse plano (508-587). Penélope entra em seus aposentos para repousar (588-604).

Livros 20-24: O massacre dos pretendentes

Livro 20 (υ: “Antes do massacre dos pretendentes”): Odisseu, em sua insônia, vê as faltas cometidas pelas escravas e delibera se deve puni-las; resigna-se enfim à paciência; Atena se aproxima dele e faz com que adormeça (1-57). Penélope lamenta sua desventura; Odisseu suplica a Zeus que lhe envie ainda um duplo presságio; o deus realiza o pedido (57-121). Telêmaco, após ter se informado a respeito de Odisseu, vai à assembleia; as escravas limpam o palácio; os pastores conduzem as vítimas (122-163). Odisseu é sucessivamente abordado por Eumeu, por Melântio e pelo fiel Filécio (164-239). Presságio funesto enviado aos pretendentes (240-256). Telêmaco proíbe que os pretendentes insultem o mendigo no futuro (257-274). Sacrifício e banquete; violência de Ctesipo; linguagem valente de Telêmaco (275-319). Agelau aconselha Telêmaco a apressar o casamento de sua mãe (320-344). Profecia de Teoclímene; ele deixa o palácio (345-370). Falas insolentes dos pretendentes; Telêmaco não presta atenção; o momento da vingança se aproxima (371-394).

Livro 21 (φ: “A disputa do arco”): Penélope vai buscar o arco outrora dado a Odisseu por Ífito e convida os pretendentes a começarem a disputa (1-79). Eumeu posiciona os machados chorando; Antino repreende severamente Eumeu e Filécio (80-101). Telêmaco busca retesar o arco, mas desiste a um sinal de seu pai (102-139). Os pretendentes tomam sucessivamente o arco em mãos, mas sem conseguir flexioná-lo (140-187). Odisseu sai do palácio com Eumeu e Filécio, se revela a eles e lhes dá instruções (188-244). Eurímaco, em sua vez, faz esforços em vão, e Antino aconselha um adiamento da disputa para o dia seguinte (245-272). Odisseu pede aos pretendentes que lhe permitam tentar o arco; Antino responde em cólera; Penélope intervém; Telêmaco assevera que apenas ele pode dispor do arco e faz sua mãe voltar a seus aposentos (273-358). Eumeu traz o arco a Odisseu, a despeito das ameaças dos pretendentes, depois ordena a Euricleia que feche as portas do palácio, enquanto Filécio fecha aquelas do pátio (359-393). Gozações dos pretendentes enquanto Odisseu examina o arco; o herói o flexiona sem dificuldade e cumpre a prova; a uma palavra e um gesto de seu pai, Telêmaco toma as armas (393-434).

Livro 22 (χ: “O massacre dos pretendentes”): Odisseu abate Antino por primeiro; os pretendentes ameaçam o mendigo, que então se revela (1-41). Eurímaco oferece a Odisseu indenizá-lo pelo dano que lhe causou; o herói quer como compensação apenas o sangue de seus inimigos (42-67). Eurímaco é morto por Odisseu e Anfinomo por Telêmaco, que vai então buscar armas para seu pai, para os dois pastores e para si (68-125). Odisseu faz Eumeu guardar uma porta do salão; Melântio vai buscar armas para os pretendentes; Odisseu faz Eumeu e Filécio capturarem e enforcarem o pretendente (126-199). Atena se apresenta sob as feições de Mentor invocada por Odisseu; ameaçada pelos pretendentes, ela se transforma em andorinha e assiste à luta do alto do forro (200-235). O combate continua; enfim, Atena desfalda sua égide, e Odisseu termina o massacre dos pretendentes (263-309). Liodes é degolado a despeito de suas súplicas; Fêmio e Mêdon são poupados, graças a Telêmaco (310-380). Odisseu faz chamar Euricleia; por ordem sua, as escravas culpadas levam os cadáveres e limpam a sala; elas são depois enforcadas no pátio do palácio (381-473). Suplício de Melântio. Odisseu purifica o palácio e faz buscar Penélope e suas escravas (474-501).

Livro 23 (ψ: “Reconhecimento de Odisseu por Penélope”): Euricleia desperta Penélope e lhe conta do retorno de Odisseu; porém, a rainha não pode crer nessa notícia (1-84). Tendo descido ao salão onde se encontra Odisseu, Penélope hesita em reconhecer o marido; no entretempo, Odisseu e Telêmaco deliberam sobre as medidas a tomar para combater a vingança dos habitantes de Ítaca (85-152). A descrição do leito nupcial dissipa todas as dúvidas de Penélope, que se desculpa por sua frieza; alegria dos esposos (153-240). Odisseu conta a Penélope as profecias de Tirésias (241-287). Odisseu e Penélope, no quarto conjugal, contam um ao outro seus infortúnios (288-343). Ao raiar do dia, Odisseu, após ter deixado suas recomendações com Penélope, sai da cidade para encontrar seu pai, Laertes (344-372).

Livro 24 (ω: “Pacto de paz”): Hermes escolta as almas dos pretendentes ao Hades, que encontram Agamêmnon e Aquiles conversando (1-97). Agamêmnon interroga Anfimedonte, que lhe informa da triste sorte dos pretendentes (98-202). Odisseu chega à propriedade de Laertes; ele põe seu pai à prova antes de se revelar a ele (203-360). No momento da refeição, Dólio e seus filhos voltam dos campos e ficam muito felizes ao reconhecer Odisseu (361-412). O Rumor espalha a notícia do massacre dos pretendentes; o pai de Antino, Eupites, conclama o povo às armas; mas uma parte dos cidadãos se acalma com os discursos de Mêdon e de Haliterses. Os partidários de Eupites marcham contra Odisseu (413-471). Atena consulta Zeus, que se compromete a restabelecer a paz em Ítaca (472-488). O combate se inicia, e Eupites cai, atingido por um dardo que parte das mãos de Laertes. Atena acalma o ardor de Odisseu e reconcilia as duas partes (489-548).